

A IDENTIDADE AMBIENTAL NA PÓS-MODERNIDADE ENVIRONMENTAL IDENTITY IN POST-MODERNITY

Rodrigo Koch¹

Maria Eduarda Moraes Andrade²

RESUMO: Discussão da constituição identitária dos sujeitos que se consideram vinculados ao ambiente natural e sustentável nos contextos pós-modernos, tendo como objetivos: conhecer e compreender os conceitos de Identidade, Identidade Ambiental e suas Pedagogias Culturais; compreender de quais formas a Identidade Ambiental do sujeito se estabelece na Pós-Modernidade e como as Pedagogias Culturais auxiliam este processo; examinar como as Pedagogias Culturais influenciam na formação da Identidade; debater sobre a construção da Identidade Ambiental na Pós-Modernidade, e investigar e analisar como os Discursos Ambientais podem nos persuadir nas atitudes ecológicas. A partir de uma revisão bibliográfica da temática, foram feitas entrevistas com professores da Educação Básica na Região das Hortênsias do Rio Grande do Sul sobre suas formações e práticas educativas dirigidas às crianças e o que pretendem ensinar sobre sustentabilidade e ambientalismo, além da análise textual discursiva do conteúdo do veículo midiático *Menos1Lixo*. É possível afirmar, que há indícios de que os discursos presentes na mídia e na educação produzem a identidade ambiental pós-moderna, com fortes vínculos em um consumo dito sustentável, mas que também carece de questionamentos.

Palavras-chave: Identidade Ambiental, Pós-Modernidade, Região das Hortênsias.

ABSTRACT: Discussion of the identity formation of subjects who consider themselves linked to the natural and sustainable environment in postmodern contexts, with the following objectives: to know and understand the concepts of Identity, Environmental Identity and its Cultural Pedagogies; to understand in what ways the subject's Environmental Identity is established in Postmodernity and how Cultural Pedagogies assist this process; to examine how Cultural Pedagogies influence the formation of Identity; to debate the construction of Environmental Identity in Postmodernity; and to investigate and analyze how Environmental Discourses can persuade us in ecological attitudes. Based on a bibliographic review of the theme, interviews were conducted with Basic Education teachers in the Hortênsias Region of Rio Grande do Sul about their training and educational practices aimed at children and what they intend to teach about sustainability and environmentalism, in addition to the discursive textual analysis of the content of the media vehicle *Menos1Lixo*. It is possible to state that there are indications that the discourses present in the media and in education produce a postmodern environmental identity, with strong links to so-called sustainable consumption, but which also lacks questioning.

Keywords: Environmental Identity, Postmodernity, Hortênsias Region.

¹ Doutor em Educação (Culturas Juvenis) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: prof.koch.rodrigo@gmail.com

² Tecnóloga em Gestão Ambiental e Licenciada em Pedagogia. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: meduarda.uergs@gmail.com

INTRODUÇÃO

O movimento ambientalista é algo que há tempos tem instigado estes pesquisadores a saber mais sobre “seus porquês”. Num mundo onde o consumismo é considerado um atributo da sociedade (BAUMAN, 2007) somos influenciados diariamente a aderir a esse *looping* de excessos, onde nem todos possuem as mesmas condições, porém são persuadidos a comprar de forma desenfreada para se enquadrar a padrões impostos socialmente por outros. Todavia, existem pessoas que estão indo na contramão deste processo, o que pode nos mostrar uma “luz no fim do túnel”, demonstrando modificações nos padrões de consumismo e empatia para com o outro e o meio em que vivemos. É evidente a crescente busca por um estilo de vida mais orgânico e sustentável (prática crescente após os recentes eventos climáticos catastróficos no continente sul-americano), ao modo que – no geral – muitas pessoas têm se empenhado a mudar seus comportamentos de consumo e consumismo, adotando conceitos como *zerowast*³, *lessplastic*⁴, *slowfood*⁵ ou até mesmo o minimalismo⁶ (que, acreditamos, parece englobar em certa medida os exemplos citados anteriormente), e igualmente modificado seus hábitos cotidianos. Diante disso, nos encontramos num impasse sobre propósitos e ideologias, uma vez que, questionamos sobre tal estilo de vida e se nos enquadrávamos no mesmo; o que nos faz analisar a fundo as escolhas do presente, as vivências e experiências, as pessoas que nos cercam e, a buscar esclarecimentos de quais são os motivos pelos quais muitos indivíduos e movimentos coletivos, se identificam com a causa ambientalista, e porque querem segui-la. No decorrer dos últimos anos, é perceptível, que essa busca por uma vida mais ecológica tem amadurecido no ideal de vida de muitas pessoas, uma vez que a preocupação com a biodiversidade que nos cerca e o que vamos deixar para as próximas gerações seja, de certo modo, algo que mais instigue essa inquietação. Outro fator que contribui para essa busca é a noção/sentimento de pertencimento das comunidades ao

³ Princípio que visa aproveitar ao máximo embalagens e descartar corretamente resíduos recicláveis e orgânicos, buscando assim, o fim do encaminhamento destes materiais para aterros e afins.

⁴ Busca a redução do uso de plástico no dia a dia, colaborando para a redução dos resíduos plásticos no meio ambiente.

⁵ Objetiva-se por apreciar a comida, assim melhorando a qualidade das refeições valorizando o produto, o produtor e o meio ambiente.

⁶ Preceito que adere ao simples e elementar, ou seja, utilizar o mínimo de meios e recursos para viver e assim ter uma melhor qualidade de vida.

local em que se vive, o que contribui com o cuidado da população com determinado espaço, ou seja, se sentir fazendo parte de algo, nos torna mais ativos e participativos.

Outro ponto que nos faz refletir e questionar muito sobre esse assunto é a relação da sociedade com a natureza, que para certa parcela ocorre desde muito cedo. Há uma espécie de “cardápio de conduta” de “escolhas verdes”. Portanto, através da busca de milhares de pessoas por um estilo de vida mais verde, se faz necessário a compreensão de quais são os processos constituintes da *Identidade Ambiental na Pós-Modernidade*. Compreendemos também, que diariamente somos submetidos a diferentes tipos de discursos ambientais, bem como ações, pelas quais, somos, quer diretamente, ou não, influenciados. A educação aparece também, como uma peça chave neste processo. Podemos assim, compreender que a sensibilização e a educação ambiental, caminham juntamente com a conservação da natureza, em razão de que a noção de pertencimento e o conhecimento contribuem com a afeição e o cuidado pelo ambiente que nos cerca. Dado isso, o ensino, que transpassa os muros da escola, pode nos proporcionar diferentes saberes e olhares sobre a construção de nossa Identidade Ambiental. Por conseguinte, nossos objetivos ao explorar o mundo da identidade sustentável e suas inúmeras características e possibilidades, são: conhecer e compreender os conceitos de Identidade, Identidade Ambiental e suas Pedagogias Culturais; compreender de quais formas a Identidade Ambiental do sujeito se estabelece na Pós-Modernidade e como as Pedagogias Culturais auxiliam este processo; examinar como as Pedagogias Culturais influenciam na formação da Identidade; debater sobre a construção da Identidade Ambiental na Pós-Modernidade, e investigar e analisar como os Discursos Ambientais podem nos persuadir em nossas atitudes ecológicas.

1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Um dos inúmeros motivos de desenvolver essa pesquisa foi a perceptível mudança nas pessoas no entorno social e as próprias buscas pelo conhecimento do “eu” e de onde pertencemos. Nesse sentido, acreditamos que é indispensável então, entender qual é o

conceito de Identidade na Pós-Modernidade⁷, uma vez que estudos acerca de suas transformações são feitos há décadas. Para essa pesquisa, usamos dois autores pós-modernos como base, que conversam com o tema: Stuart Hall e Zygmunt Bauman. No final do século XX, houve uma mudança estrutural que “transformou as sociedades, fragmentou paisagens culturais, gênero, sexualidade, raça, etnia e nacionalidade”, e que anteriormente nos forneciam a situação real e concreta (ou sólida) do indivíduo. Tais transformações acabaram por alterar nossas identidades individuais, e desconstruir o ideal de sujeito integrado; este deslocamento, muitas vezes chamado de *descentração*, abriu espaço para um colapso na identidade do sujeito (HALL, 2006).

O processo de transformação da identidade pós-moderna ganhou novos contornos e elementos no debate contemporâneo sobre o tema. É argumentado, que as velhas identidades, já pré-estabelecidas e estabilizadas em nossa sociedade, estão em decadência, o que provoca o aparecimento de novas identidades e que culmina com a divisão do indivíduo atual, que até então era visto como unificado (HALL, 2006). Portanto, as transformações acerca da identidade são:

[...] parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que dava aos indivíduos sua ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006).

A chamada “crise de identidade”, nada mais é do que a “perda de um sentido de si”, um processo pelo qual o sujeito passa pela dúvida e pela incerteza. Essa mudança representa um processo de transformação que se mostra fundamental, e nos indaga se essa transformação não é natural da própria modernidade. (HALL, 2006) A definição de sujeito, pré-estabelecida, considerada unificada e estável, está se transformando e se fragmentando, em várias identidades que podem ser contraditórias ou que ainda não

⁷ O pós-modernismo, inicialmente, foi um termo vinculado às artes em sua reação ao moderno no final do século XIX, para depois receber uma acepção histórica e filosófica já no decorrer do Século XX. No que se refere aos interesses deste trabalho, os pós-modernos procuram discutir a construção da identidade política e a operacionalização dos valores básicos por meio de binários conceituais, atuando em um campo cultural. Vale destacar que a pós-modernidade nunca significou o fim da modernidade e, sim uma nova relação com a modernidade. O pós-moderno não pode ser considerado um período em si, ele define estilos, atitudes, ou um *ethos* (PETERS, 2000).

foram resolvidas. As identidades passam por processos de identificação, processos os quais tem se tornado nas palavras de Hall (2006) “mais provisórios, variáveis e problemáticos”. Stuart Hall (2006) então propõe três concepções de identidade: sujeito do iluminismo⁸, sujeito sociológico⁹ e sujeito pós-moderno, sendo este último o conceito utilizado nesta pesquisa. A conceptualização do sujeito pós-moderno ocorre pela falta de uma identidade fixa, que seja essencial ou permanente, é como se tivesse um prazo pré-estabelecido, até encontrar outro interesse e assim ser “remoldada”, ou seja, é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados” (HALL, 2006). A identidade torna-se moldável ao sistema cultural que nos cerca, a vista disso é definida historicamente, não biologicamente, ou seja, o indivíduo assume diferentes identidades em momentos diferentes (HALL, 2006). Sendo assim:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006).

A ideia de uma identidade completa, totalmente unificada segura e coerente, nas palavras de Hall, é uma fantasia. Somos confrontados por uma multiplicidade de identidades das quais podemos “consumir”, nem que seja temporariamente. O contraditório e a ressignificação da identidade andam conjuntamente, pois nos empurram em diferentes direções, e assim, transformam as nossas identificações, que se deslocam, deste modo, a unificação da identidade que uma vez era pré-estipulada aparece mais como uma forma de comodidade do “eu” (HALL, 2006). Assim, a chamada modernidade tardia está em constante mudança, bem como a identidade, processos inseridos na “globalização”. Neste caso, a sociedade moderna, é considerada uma sociedade em constante mudança, que se dá de forma rápida e permanente, sendo esse fator que a difere da sociedade tradicional ou da modernidade sólida, como prefere Bauman.

⁸ Sujeito baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado.

⁹ Sujeito que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente.

Assim como Stuart Hall, Zygmunt Bauman também reflete sobre as questões acerca da transformação do conceito de identidade na pós-modernidade. Para Bauman (2005), buscamos nossa identidade, e essa procura se torna uma “tarefa intimidadora” e diária, que pode ser realizada em tempo real, mas que é contínua ao longo dos anos. A identidade presente nas comunidades pode ser definida de dois modos: comunidades de destino – na qual nascemos e crescemos, “vivemos juntos numa ligação absoluta” – ou “fundidas unicamente por ideias ou variedades de princípios”. Isto posto, a ideia de identidade só poderá existir na concepção de uma “comunidade fundida por ideias” (BAUMAN, 2005). A ideia de pertencimento e de identidade, na visão do sociólogo, não possuem solidez:

[...] não são garantidos por toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para “a identidade” (BAUMAN, 2005).

Desse modo, o fator de possuir uma identidade não irá ocorrer no sujeito, enquanto a ideia de pertencimento permanecer sendo parte do seu destino, como uma condição, sem nenhuma alternativa. Para Bauman (2005), podemos nos “sobrecarregar” de identidades, e nos sentirmos deslocados, o que pode se tornar uma experiência perturbadora. Podemos nos sentir em casa em qualquer lugar, podemos fazer com que nossas identidades flutuem ao que é mais cômodo e conveniente no momento, porém ao mesmo tempo, nunca vamos estar totalmente “em casa”. Conhecer sua identidade se torna um esforço, um objetivo, um motivo de reconstrução pessoal; entretanto, mesmo que se alcance esse objetivo, tendemos a começar esse processo novamente, até conseguir se encaixar onde quer que seja. A identidade deixou de ser um objeto de reflexão do eu, e passou a ser o “papo do momento”, um fascínio do sujeito (BAUMAN, 2005). Dentre outros atributos concedidos a essa fase conhecida como líquido-moderna da sociedade encontramos também a ideia da “Cultura da Oferta”, onde nós como consumidores, podemos fazer uso das mais diversas identidades pré-existentes, como se fossem produtos dispostos em prateleiras de supermercado (BAUMAN, 2005). A identidade assim converte-se, bem como a cultura, em apenas mais um produto criado pela sociedade, que

fica a cargo do indivíduo, que a administra e julga se se enquadra ou não no seu estilo de vida atual.

Podemos assim compreender que, quando falamos sobre o processo de ressignificação da identidade e a situamos na pós-modernidade, conseguimos transitar pelos termos analógicos de Bauman, como fluidez/adaptabilidade/maleabilidade, quanto os de Hall, onde ambos acreditam que a identidade não se fixa, ou seja, está moldável apenas aos desejos e necessidades momentâneos do “eu” e assim vai se reestruturando e se adaptando num ciclo sem fim. Há uma certa (des)(re)construção identitária permanente na pós-modernidade. O que queremos expressar, a partir das reflexões de ambos os pensadores, é que em nossa sociedade somos influenciados por diversos questionamentos, valores, e mudanças sociais, além de aspectos midiáticos. Sabemos assim, transitar entre identidades e igualmente as remoldamos a nossa própria vontade até que seja conveniente. Consequentemente, questões como a identidade ambiental do sujeito da modernidade tardia, aparecem como um fragmento identitário, um instante.

2. A IDENTIDADE AMBIENTAL

Como vimos anteriormente, as transformações acerca da identidade do sujeito, culminam com sua desconstrução para que uma nova identidade possa ser estabelecida, ou seja, é reconstruída (e desconstruída e reconstruída novamente num processo permanente); e em vista de tais modificações, é necessário compreender de quais formas a identidade ambiental do sujeito se estabelece na pós-modernidade. Varela (1996) considera a identidade ambiental, como emergente num determinado espaço-tempo, que se consolida de forma autônoma, e caracteriza-se pela construção de significados e argumentos. É um processo de identificação com valores ecológicos, um processo formativo que se desenvolve a todo o momento (CARVALHO, 2013), em qualquer ambiente, seja por sensibilização ou apreciação da causa, por exemplo. Na visão de Porras-Contreras e Pérez-Mesa (2018) as configurações do conceito de identidade ambiental podem:

[...] estar associada com a representação social que os grupos humanos têm sobre si mesmos e com o ambiente, o qual inclui as dimensões cognitiva, afetiva e comportamental que em conjunto, influenciam a maneira como as

peessoas desenvolvem, organizam suas vidas e tomam decisões diante de seu próprio ambiente.

O processo de construção da identidade ambiental, para Thomas-How (1995) se refere a todas as diferentes formas em que as pessoas se constroem em relação com a Terra, como se manifesta na personalidade, os valores, e as ações. A natureza se torna um objeto de identificação. A identificação com a natureza aparece como uma conexão humana que pode ser por apego ou semelhança, dessa maneira conseguimos perceber e agir de maneira diferente em relação ao mundo e passamos a crer que o “meio ambiente é importante para nós, e uma parte importante de quem somos” (CLAYTON, 2003). Conseguir conceituar “Identidade Ambiental”, talvez seja uma tarefa difícil, porém podemos compreendê-la como sendo a relação que adquirimos perante o nosso entorno (STETS & BIGA, 2003). A maneira como fluem nossos sentidos e como criamos significados é o que determina nossas atitudes perante o meio (PORRAS-CONTRERAS & PÉREZ-MESA, 2018). Podemos dizer também, que existem “diferentes intensidades de modos de ser ecológico” (CARVALHO, 2013), pois temos limitações, bem como se referem Porras-Contreras e Péres-Mesa (2018), ao avaliarem que existem microidentidades, e micromundos que se desenvolvem no campo ambiental, e nos permitem transitar entre eles, não aderindo totalmente à causa, mas ao mesmo tempo conseguindo fazer parte dela.

Para conseguirmos adentrar na ideia de identidade ambiental, passamos por um processo de reflexão, construção e definição de princípios, e procuramos nos encaixar nos mesmos, de modo que nada é totalmente certo ou errado, mas sim, procuramos nos ressignificar e fazer parte do todo, como quando somos sensibilizados por uma determinada causa e queremos sua resolução (PORRAS-CONTRERAS & PÉRES-MESA, 2018). Sem dúvida a “construção” da Identidade Ambiental, sugere uma reflexão do indivíduo sobre si e sobre suas atitudes perante o meio, alterando suas crenças, concepções, valores, postura, ética e justiça social. Outro ponto que podemos refletir e discutir sobre é de como o Ambiente é abordado em outras áreas como Economia, Psicologia, Administração, Sociologia e principalmente na Educação, como veremos a seguir, que não se limita somente a espaços escolares. Questões acerca do processo de construção da Identidade, bem como a Educação, caminham de forma conjunta, uma vez que nosso primeiro ideal de mundo fora de casa acontece na escola. Desse modo, a

educação que apresenta um papel fundamental na vida do sujeito e na construção do “eu”, bem como, os processos educativos que transpassam a sala de aula formal e pré-estipulada anteriormente avançaram para o meio social, onde a pedagogia contemporânea, nos mostra que a aprendizagem ocorre em muitos espaços (sejam estes formais ou não-formais), e assim surge e se configura o conceito de *Pedagogias Culturais* (ANDRADE, 2015).

O conceito de Pedagogias Culturais transmite a ideia de que ensino e aprendizagem podem ocorrer em diferentes espaços sociais, que são regulados pela cultura e mediados pela pedagogia, e dessa forma, produzem conhecimento. Ou seja, é a relação entre pedagogia e diversos sítios, onde a cultura é quem proporciona a produção de conhecimento. Podemos pensar na Pedagogia Cultural como sendo o aprendizado em movimento, onde adquirimos conhecimento, por exemplo, através de uma conversa informal com amigos, indo a museus, a partir de discursos, de comportamentos e regramentos expostos (e também, por vezes, impostos) pelos veículos midiáticos¹⁰, observando as atitudes de alguém; enfim, são inúmeros os meios pelos quais podemos ampliar nossos saberes seja em relação a nós mesmos, aos outros ou ao mundo. (ANDRADE, 2015)

Para Guimarães e Sampaio (2014), artefatos culturais midiáticos aparecem mais como uma forma de introduzir o sujeito ao consumo do que ser realmente pedagógico, desse modo, as pedagogias culturais aparecem como extremamente eficientes em seus propósitos, como engajar os sujeitos nas redes de consumo e ensinar diversas lições, sobre múltiplos temas, como gênero, raça, sexualidade, cultura entre outros. Coloca também em xeque a compreensão do que classificamos como pedagógico, uma vez que esse termo assume contornos mais diversificados dos que são estipulados tradicionalmente. Considerando o presente, de acordo com Guimarães e Sampaio (2014), a pedagogia tem se reformulado, ao desejar que o sujeito seja conectado ao tempo em que vive, onde os conhecimentos prévios são remoldados e mediados pelas pedagogias culturais. Dessa maneira, a cultura pode ser uma forma em que as práticas de educação ambiental podem se reinventar e transformar a aprendizagem significativa e participativa. Compreendemos

¹⁰ Quando citamos os veículos midiáticos, nos referimos a um conjunto, no qual estão incluídos: jornais, revistas, redes de TV, sites, redes sociais, outdoors, rádio, entre outros.

assim, que a ideia de Pedagogias Culturais pode influenciar no processo de construção da Identidade do sujeito, uma vez que nos remoldamos conforme o ambiente em que estamos e os princípios pelos quais acreditamos (nem que seja apenas momentaneamente). Portanto, ao pensar que a pedagogia é flexível e pluralizada, podemos associá-la aos processos pelos quais somos influenciados e interpelados, e transforma nossa configuração de “eu”, ou seja, a identidade se molda através da pedagogia cotidiana.

3. METODOLOGIA

Durante os caminhos investigativos desta pesquisa, muitas questões surgiram acerca da constituição da *Identidade Ambiental na Pós-Modernidade*. As indagações que fizemos durante este estudo foram sobre: conhecer e compreender os conceitos de Identidade, Identidade Ambiental e Pedagogias Culturais; compreender de quais formas a Identidade Ambiental do Sujeito se estabelece na Pós-Modernidade e como as Pedagogias Culturais auxiliam este processo; examinar como as Pedagogias Culturais influenciam na formação da Identidade; debater sobre a construção da Identidade Ambiental na Pós-Modernidade, e investigar e analisar como os Discursos Ambientais podem nos persuadir em nossas atitudes ecológicas. A construção da pesquisa, em um primeiro momento se deu por meio de revisão bibliográfica onde exploramos os seguintes tópicos (descritores): “Identidade”, “Identidade Ambiental”, “Pós-Modernidade” e “Pedagogias Culturais”. Nesta etapa inicial destacamos os autores e pensadores Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Paula Deporte Andrade, e María Rocío Pérez-Mesa e Yair Porras-Contreras. Em um segundo momento, o intuito foi de conhecer atitudes ecológicas presentes em mídias sociais e compreender como este processo também ocorre em escolas. Para esta etapa, foram enviados por e-mail questionários para quinze (15) professores das redes de ensino público e privado da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, dos municípios de Canela e São Francisco de Paula, no Estado do Rio Grande do Sul. Este questionário foi dividido em duas partes, onde a primeira consistiu em conhecer mais o entrevistado, com perguntas básicas de identificação, como idade, formação, turmas em que atua e há quanto tempo leciona. Na segunda parte das entrevistas, foram feitas

perguntas vinculadas a questões relacionadas à investigação deste estudo. E em um terceiro momento foi analisado/avaliado os discursos ambientais do veículo midiático *Menos1Lixo*¹¹, no qual utilizamos como ferramenta metodológica a análise textual discursiva¹² (MORAES, 2003). Os indicativos dos dados apresentados consistirão na análise da bibliografia utilizada como norteadora do estudo, bem como das entrevistas realizadas com professores e de como o veículo midiático *Menos1Lixo* aborda questões ambientais e influencia seus leitores/consumidores.

4. CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 15 professores dos níveis de ensino que compreendem a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que lecionam ou na cidade de São Francisco de Paula ou na cidade de Canela, ambas na Região das Hortênsias do Estado do Rio Grande do Sul. Dentre os entrevistados todos são professores ainda em atividade, sendo que nove trabalham no ensino público (municipal ou estadual), dois destes atuam tanto no ensino público quanto no privado, e outros dois somente no ensino privado. Dentre todos os entrevistados dez são mulheres e cinco são homens, onde as idades variam entre 23 e 50 anos. Destes, quatorze possuem graduação, que se dividem nos campos de: seis com Licenciatura em Pedagogia, três não especificaram, um com Licenciatura em Matemática, um com Licenciatura em Educação Física, um com Licenciatura em Geografia, um com Licenciatura em História, um com Licenciatura em Letras e um somente o Curso de Magistério. Entre estes entrevistados há alguns com cursos de pós-graduação: seis possuem especialização e um mestrado. Referente ao tempo em que lecionam, sete pessoas relataram que estão em atividade entre 4 a 7 anos; por mais de 10 anos, cinco professores; de 0 a 3 anos, duas pessoas; e de 8 a 10 anos, uma professora.

¹¹ Movimento de Educação Ambiental focado na redução do consumo de produtos descartáveis.

¹² A análise textual discursiva, utilizada em áreas como a Comunicação, a Psicologia, a Educação e o Serviço Social, pode ser compreendida como um processo de auto-organização, de construção e de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos (ou discursos) do *corpus*, a *unitarização*; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; e o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES 2003).

5. COMO A QUESTÃO AMBIENTAL É ABORDADA NA ESCOLA

A relação meio ambiente e escola é uma das questões que pode e deve ser mais explorada, uma vez que a vida escolar é o princípio de nossas relações interpessoais fora do vínculo familiar, e a natureza e suas possíveis produtividades, como uma pedagogia cultural dentre tantos outros provedores de conhecimento externo. Na segunda etapa de perguntas aos entrevistados, os mesmos foram questionados sobre a sua participação em programas ou cursos que abordassem o meio ambiente e/ou a educação ambiental, dos quais doze responderam que participam sim; e em sua grande maioria estiveram presentes em palestras ou eventos. Quanto à existência de atividades ou projetos que visam promover o respeito ao ambiente ou de Educação Ambiental na escola na qual são colaboradores, treze dos entrevistados relataram projetos vinculados a reciclagem e/ou sobre os 3 R's (Reduzir, Reciclar, Reaproveitar). Sendo que estes mesmos entrevistados relataram que abordam práticas de educação e conscientização ambiental nas disciplinas ou turmas em que atuam, não se vinculando apenas a datas especiais, como por exemplo, Dia da Água, ou Dia da Árvore, entre outros. Do mesmo modo, consideram que em sua grande maioria, os alunos demonstram interesse em conhecer o tema e contribuir para com o ambiente de forma positiva. Todos consideram que questões ambientais são multidisciplinares, e que não possuem dificuldade em trabalhar temas relacionados, apenas há falta de tempo na maioria dos casos. Quando questionados sobre o aprendizado não se restringir apenas a sala de aula, todos mencionaram que procuram realizar atividades em que os alunos possam ter contato com diversos meios de aprendizagem.

Além de questões como participação em formações relacionadas à educação ambiental e a projetos pré-existentes sobre a temática nas escolas nas quais os professores entrevistados atuam, também é necessário compreender quais atividades relacionadas ao meio ambiente, são realizadas, além daquelas já pré-estipuladas no currículo (Quadro 1).

Quadro 1: Como o tema meio ambiente é abordado em sala de aula

Entrevistados	Como você aborda o tema meio ambiente em sala de aula?
01 – Educação Infantil	Brincadeiras ao ar livre; Experiências e brincadeiras em sala de aula e no pátio da escola;
02 – Educação Infantil	Trabalhos e/ou pesquisas;
03 – Educação Infantil	Brincadeiras ao ar livre;
04 – Educação Infantil	Brincadeiras ao ar livre; Passeios em parques; (Histórias, dinâmicas, confecção de brinquedos.);
05 – Educação Infantil	Passeio em parques;
06 – Ensino Fundamental	Brincadeiras ao ar livre;
07 – Ensino Fundamental	Trabalhos ou pesquisas; Brincadeiras ao ar livre;
08 – Ensino Fundamental	Brincadeiras ao ar livre; Passeio em parques;
09 – Ensino Fundamental	Outros. Experiências, pesquisas, dinâmicas, palestras, leituras, discussões;
10 – Ensino Fundamental	Trabalhos e/ou pesquisas; brincadeiras ao ar livre;
11 – Ensino Médio	Trabalhos e/ou pesquisas; Brincadeiras ao ar livre; Outros (observação do ambiente e saídas pela cidade.);
12 – Ensino Médio	Brincadeiras ao ar livre;
13 – Ensino Médio	Trabalhos e/ou pesquisas;
14 – Ensino Médio	Trabalhos e/ou pesquisas; Brincadeiras ao ar livre; Passeio em parques;
15 – Ensino Médio	Trabalhos e/ou pesquisas;

Fonte: Autores

Pelo que foi relatado pelos entrevistados, é possível notar que todos buscam que seus alunos possuam uma relação mais próxima e coerente em termos sustentáveis com o meio, e refletindo sobre nossas práticas de consumo e descarte, o que pode proporcionar um maior envolvimento da comunidade neste movimento. Conforme Andrade (2015), Guimarães e Sampaio (2014) o artifício das Pedagogias Culturais que estão presentes em nossa sociedade, seria uma pedagogia reformulada e utilizadora dos diversos meios culturais e sociais para com os quais estamos inseridos, como forma de aprendizagem. Consequentemente o ambiente escolar se torna um espaço propício a trocas de experiências e vivências, onde o ambiente pode ser retratado além do que se é posto em formação para professores, mas também através do *know-how* dos estudantes, bem como da comunidade. Dessa maneira, o espaço escolar pode ampliar suas práticas sustentáveis, e ir além como, por exemplo, da reciclagem e conscientização. As ações educacionais, que seguem entorno do quesito ambiental, geram discussões, reflexões e, por conseguinte, ações que podem (re)modificar a forma de ensino, além de ressignificar as formas de aprendizagem e estabelecer novos ideais e possibilidades escolares, como veremos adiante.

6. O MOVIMENTO *MENOS1LIXO*

O Movimento de Educação Ambiental *Menos1Lixo*, surgiu quando sua idealizadora, Fernanda Cortez, assistiu em 2012, o documentário intitulado “*Trashed: para onde vai nosso lixo*”, que aborda de forma significativa e expressiva o que acontece com tudo o que consumimos e descartamos, ou seja, para onde vai o nosso refugo de materiais que se tornam dispensáveis com o passar do tempo, ou quando sua obsolescência programada chega. O que culmina com a poluição dos oceanos, da vida marinha e uma ilha formada apenas por plástico no pacífico. O que de princípio gerou revolta, também gerou a possibilidade, de acordo com a idealizadora do projeto, da mudança de seus hábitos perante o consumo de plástico e outros itens descartáveis facilmente e a destinação correta dos objetos utilizados, que segundo a mesma, se tornam mais um lixo, quando não são mais necessários. Deste modo, a mesma se norteou pela problemática de “como produzir menos lixo?”. Em vista disso, Fernanda passou a aderir ao uso de copos retráteis (que em

princípio eram de inox, e com o tempo foi alterado pelo de silicone), com a ideia de em um ano saber qual a quantidade de copos de plástico ela deixou de descartar. Tal experiência ajudou-a a prestar mais atenção em todo o descarte que fazia deste modo, e um diário virtual foi criado intitulado de *Menos1Lixo*, que hoje além de contabilizar a quantidade de copinhos descartados e vender copos de silicone retráteis, oferece dicas, meios e atitudes de como ter uma vida mais sustentável, produzir menos lixo e assim contribuir com a diminuição da poluição e de objetos facilmente descartáveis.

O diário virtual, logo se tornou um site de “estilo de vida”, um guia para quem deseja ter uma vida mais ecológica, um movimento de educação e conscientização ambiental. Nele são apresentados os ideais do Movimento, e como surgiu, o que é o copo e como adquiri-lo, o desafio armário cápsula, quem é Fernanda Cortez; destaca também o projeto da ONU Mares Limpos, e além do já relatado, expõe aos leitores, temas como “faça você mesmo”, “moda e beleza”, “inspiração”, “na rua”, “como começar” e “o que fazer em casa”, ou seja, o que podemos fazer por nós mesmos, e quais atitudes ambientais somos capazes de introduzir em nossa rotina. Para a análise de como o veículo midiático *Menos1Lixo* aborda questões ambientais e influencia seus leitores/consumidores, foram escolhidos três tópicos dissertados na parte de conteúdo/categorias, que são: “Faça Você Mesmo”, “Moda & Beleza” e “Em Casa”.

7. CONTEÚDO E INFLUÊNCIA: *Faça Você Mesmo*, *Moda & Beleza* e *Em Casa*.

Os conteúdos/categorias abordados nos tópicos de *Faça Você Mesmo*, *Moda & Beleza* e *Em Casa*, são de certa forma, temáticas que englobam elementos que conversam entre si, uma vez que em *Faça Você Mesmo*, por exemplo, existem ideias de como fazer produtos naturais, de higiene pessoal e da casa, que você pode elaborar com produtos não tóxicos, reaproveitando embalagens, e assim contribuindo com a sua saúde ajudando a não poluir o meio. A moda, de mesmo modo, bem como a indústria da beleza e de produtos de limpeza, é altamente descartável e poluente, e traz dicas de como consumir roupas e produtos ligados à moda (que engloba beleza) de modo não tão persuasivo, descartável e contaminador, ou melhor, uma moda com significado e propósito. É óbvio que essas

categorias selecionadas bem como as outras existentes no site, não trazem apenas soluções caseiras para desperdiçar e poluir menos, mas também questões de como criar novos hábitos, informativos de produtos poluentes ou de origem de desmatamento, testes de produtos caseiros e resenhas, filmes/documentários para se refletir sobre o tema e de que maneira influenciar pessoas do seu círculo a refletirem sobre a questão ambiental em si e também sobre os chamados artigos *eco-friendly*¹³.

Assim, com visto anteriormente, Hall (2006) e Bauman (2005) sugerem que a chamada *descentração* do eu, interfere na transformação da nossa identidade e ressignificação e de seu conceito, que anteriormente fora estipulado como fixa e segura, no presente está totalmente moldável as transformações da sociedade, em vista disso, podemos compreender que o movimento e o veículo midiático *Menos1Lixo* é capaz de influenciar seus consumidores de conteúdo a aderir um estilo de vida, em teoria, menos consumista e amigável a natureza, ou seja, remodificando seu “eu” e antigos hábitos, dos meios de consumo e do que se é consumido. Dessa forma, há uma instauração de uma nova identidade, um novo modo de ser, pensar, agir e influenciar.

8. CONSUMO VERDE E CONSUMISMO

O que chama atenção, e traz novos questionamentos, quando se assume uma identidade ambiental, ou se promove tal conteúdo/estilo de vida, é de que se o consumo verde é capaz de transformar um tipo mascarado de consumismo, uma vez que ao percorrer os diversos meios de mídias sociais, além do já citado, somos submetidos a diversos tipos de discursos, publicidades, resenhas, recomendações, que talvez sejam formas mascaradas de opções verdes, que podem poluir tanto ou mais que um produto sem este selo, porque não seria diferente com o conteúdo produzido pelo *Menos1Lixo* e seus colaboradores. A problemática que observamos em torno de um discurso ambiental propriamente montado, moldado e convincente é de como se fosse uma fórmula, de como se ser ecologicamente correto, e isto se torna apenas mais um, entre tantas outras formas de estimular o hiperconsumismo, só que de forma (teoricamente) “correta”, fazendo

¹³ Produto que não produz danos ou impactos ambientais, se comparado a outros disponíveis no mercado.

exposições de produtos intitulados ecológicos e assim, estimulando um consumismo que na realidade não era para existir, mas que foi criado. Como, comprar um copo (carro chefe do Movimento *Menos1Lixo*) de silicone (material que não é reciclado no Brasil) dobrável, que é teoricamente ecológico, que terá uma vida útil de muitos anos, não irá gerar tanto lixo quando os descartáveis (mas que em nosso país não possui reciclagem)? Todavia, essa compra estimulada por ser hipoteticamente ecológica, não poderia ser substituída por um copo já pré-existente em sua casa? Certo que talvez ocupasse mais espaço na sua bolsa, diferente do fabuloso copo de silicone dobrável. Assim como, existem outros exemplos no mercado de *kits* intitulados de ecológicos, vendidos por veículos autodenominados “Amigos do Meio Ambiente”, mas que seriam facilmente encontrados na cozinha ou na horta da sua casa.

Acreditamos que o que é questionável entre o chamado consumo verde e o consumismo, é de que talvez, ser ecologicamente correto, virou apenas mais um estímulo para o consumismo, por ser cada vez mais exposto que nosso meio está sendo deteriorado de maneira desenfreada, e que somente a mudança de hábitos é capaz de ir à contramão deste processo. Mas afinal de contas, quem é o sujeito que se intitula de ecológico? Aquele que somente adquire produtos com selo orgânico, ou *ecofriendly*, ou o que adota demais estilos de vida em conexão com a natureza? Ao nosso entendimento não há respostas certas ou erradas, pois uma vez que somos influenciados ou que repensamos nossos atos perante o meio e ao consumo de itens, podemos conquistar hábitos que se enquadram ao estilo ecológico de ser e se adaptem ao nosso padrão de vida. Ao repensar sobre o que consumimos e de que forma podemos poluir menos, já estamos contribuindo com o futuro, e influenciando pessoas, lembrando que nada deve ser radical, determinista ou imposto, mas sim orgânico e verdadeiro.

9. A PERSPECTIVA DA ESCOLA E O AMBIENTE

O espaço escolar abrange inúmeras práticas formativas, de relações pessoais, aprendizagem, oportunidades e identificações, isto é, um ambiente adequado a descobertas, experiências e significações que nos contextualizam perante a sociedade, ao mundo e suas diversidades. Segundo Carvalho (2013), a escola é constituída por várias

subjetividades, que podem ou não estar de acordo com ideais ecológicos. Nessa perspectiva, pode se converter num espaço educador mais ou menos propício a formação de identidades ecológicas ou predatórias, de acordo com as quais são os valores predominantes naquele contexto. Não há ao certo uma fórmula que estipule para que a escola introduza valores ambientais aos seus colaboradores e estudantes, porém, existem meios pelos quais a mesma pode se guiar. Um ponto chave é procurar saber onde se está, e aonde se quer chegar, o que se fazer nesse meio deve incluir pais, professores, alunos, a comunidade local, enfim, refletir coletivamente sobre quais são os meios possíveis e alcançáveis, que vão muito além de formações e reciclagem. Como observado nas respostas dos entrevistados, o pensamento de educação ambiental e escola, ainda caminha a passos errantes, lentos e desconectados, em virtude de que é retratado apenas em ações pontuais e fragmentadas. Uma vez que tratar do ambiente de uma forma interdisciplinar e pessoal, seria mais conveniente e eficiente do que apenas de maneira limitada.

10. COMO SOMOS INFLUENCIADOS

Nós, como sujeitos pós-modernos (HALL, 2006), vivemos o que podemos nomear de dilema das mídias digitais, em virtude de que somos expostos a discursos, propagandas, resenhas, dicas, ...; enfim, uma porção de ideias e ideais feitos por pessoas comuns, como forma de chegar mais próximo do público de qualquer classe social, interagir e influenciar. Na medida em que utilizamos os meios digitais como forma de comunicação, interação social e consulta, somos submetidos a relatos de quem realmente usa algum produto, ou leva certo estilo de vida e estimula seus seguidores a conhecer mais; porém, por outro lado, temos influenciadores que são apenas pagos para resenhar, estimular os consumos de tal produto (não que os que realmente usam também não sejam), sem uma verdadeira experiência, ou seja, por apenas um contrato. O que queremos expressar a respeito disso é de que a mídia, em geral a mídia digital, que é consumida por uma faixa etária muito ampla (de crianças até idosos) é capaz de nos influenciar de modo tanto quanto positivo, quanto negativo, e muitas vezes somos impelidos a entrar nessa bolha digital sem ao menos refletir antes. Isto significa, que o que consumimos digitalmente pode nos

manipular a ter um estilo de vida do qual não precisamos, consumir produtos que não se tem necessidade, apenas por influência de alguém. Este é um tópico que, naturalmente, fica aberto há uma nova agenda de pesquisa, mas que neste momento se torna necessário também citar, pois a humanidade adentrou neste novo modo de sociabilidade recentemente e, ainda não sabemos ao certo como estão sendo configuradas as novas identidades a partir destes processos digitais midiáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das nossas reflexões, a conexão com a natureza se mostrou como um ponto chave, em virtude de ser o elo primordial a todos que habitam este planeta, e ser o que nos conecta uns aos outros. Pensamos que somos capazes de viver em um mundo justo, onde poderemos usufruir sem destruir, apreciar o que nos cerca, dar bons exemplos e assim contribuir com a educação, e a constante (des)(re)construção identitária; ao interpretar como discursos intitulados de ambientais, podem influenciar o indivíduo a modificar/repensar seu estilo de vida e consumo. Embora tenhamos esclarecido as questões que anteriormente foram expostas, nos deparamos com outras indagações, uma vez que o processo de construção da pesquisa e redação deste estudo foram feitos no período inicial da pandemia da Covid-19. Tais perguntas que surgiram nesse tempo, contextualizam, de que maneira o excesso (sem controle) de publicidade em meios digitais como o *Instagram* e o *YouTube*, podem influenciar num tipo de consumo que podemos considerar despercebido (influyente). Como a justiça social e ambiental podem caminhar juntas e se impor perante crises como essas? Qual a relação do ambiente diante da infância? Como as práticas ambientais desde o início da vida influenciam na aprendizagem? E por fim: Quais são as políticas públicas em relação à educação ambiental nas escolas brasileiras? Como a escola “normal/padrão/tradicional” pode se reformular e incluir mais práticas ambientais em seu currículo? São questões que neste momento deixamos abertas para futuros estudos e pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. D. PEDAGOGIAS CULTURAIS: as condições teóricas que possibilitaram a emergência do conceito. In: 6º SBECE 3º SIECE – Educação, Transgressões, Narcisismo. 2015.

BAUMAN, Z. VIDA PARA CONSUMO: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2008.

_____. Identidade – entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

CARVALHO, I. C. M. O SUJEITO ECOLÓGICO: a formação de novas identidades na escola. In: Marta; Paiva, Irene. (Org.). Práticas Coletivas na escola. 1. Ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v.1, p. 115-124.

CLAYTON. S. ENVIRONMENTAL IDENTITY: a conceptual na operational definition. In: **CLAYTON. S; OPOTOW. S.** (Org) Identity and the natural environment. The psychological significance of nature. Cambridge: Mit Press, 2003. 368 páginas.

CORTEZ, Fernanda. O Manifesto. 2014. Disponível em: <<https://www.menoslixo.com.br/posts/o-manifesto>>. Acesso em junho de 2020.

GUIMARÃES, L. B; SAMPAIO, S. M. V. Educação ambiental nas pedagogias do presente. Brasília, v. 27, n. 91, p. 123-134, jan./jun. 2014.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Ed. 10. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

MORAES, R. UMA TEMPESTADE DE LUZ: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Belo Horizonte. Autentica, 2000.

PORRAS-CONTRERAS, Y. A; PÉRES-MESA, M. R. (2019). **IDENTIDAD AMBIENTAL:** múltiples perspectivas. *Revista Científica*, 34(1), 123-138.

STETS, E. J; BIGA, F. C. Bringing Identity Theory into Environmental Sociology. *Sociological Theory*, 21:4. Dezembro de 2003. Disponível em: <
https://www.ssc.wisc.edu/~jpiliavi/965/Stets%20and%20Biga_2003_Bringing%20Environment.pdf> Acesso em: março de 2020.

THOMASHOW, M. ECOLOGICAL IDENTITY: becoming a reflective environmentalis. Cambridge. MIT Press, 1996. 250 páginas.

VARELA, F. Ética y acción. Santiago. Dolmen Ediciones, 1998.